

Raymond Firth (1901-2002)



Marcos Lanna
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
Universidade Federal do Paraná

Em 22 de fevereiro de 2002 morreu em Londres *Sir* Raymond William Firth, aos cem anos de idade, antropólogo cuja história de vida se confunde com a da própria institucionalização da antropologia. Neste caso, ontogênese reproduz filogênese.

Há cinco anos fiz, a pedido da Edusp, uma apresentação para o público brasileiro do autor de *Nós os Tikopias*. Evocava então um R. Firth ativo, que acabara de publicar, em 1996, *Religion, A Humanist Interpretation*. Cabe agora lembrar um antropólogo que publicou até a poucos meses antes de morrer¹ e cuja obra certamente permanecerá viva por longo tempo. Afinal, em comunicação pessoal em 19/05/2000, C. Lévi-Strauss confessava “não estar longe de o ter como o maior antropólogo vivo”.

Mas não apenas a importância e a extensão da obra de Firth justificam o reconhecimento que recebeu, pois além de autor e etnógrafo foi grande professor e homem público. Nascido em Auckland, Nova Zelândia, em 25 de março de 1901, publicou nove livros sobre os Tikopias (inclusive um Dicionário Tikopia/Inglês), dois sobre os Maori, um sobre pescadores malaio, cinco coletâneas de artigos e ensaios teóricos e foi co-autor de duas monografias sobre o parentesco em Londres, além de organizar quatro obras coletivas. A sua etnografia caracterizava-se por longas e repetidas estadias, devoção aos detalhes e à precisão (que afirmava dever ao pai, um empreiteiro de obras, metodista) e, bem à inglesa, busca de uma base empírica sólida para generalizações. Esteve em Tikopia em 1928-29, 1952, 1966, 1973 e 1978, numa comunidade pescadora no nordeste da Malásia em 1939, 1947 e 1963, e num projeto conjunto com sua esposa e colaboradora Rosemary, morta em 2001. Teve ainda curtas estadas na África ocidental e Nova Guiné.

Ensinou em Sidney de 1930 a 1932, substituindo A. R. Radcliffe-Brown. Retornou em 1932 à *London School of Economics* (LSE) – onde chegara em 1924, já mestre em economia, para doutorar-se com um estudo sobre a indústria da carne, mas defendendo em 1929 tese sobre os maori, orientado por Malinowski –, ali se aposentando em 1968. Firth foi ainda Secretário do *Royal Anthropological Institute* (1936-39), trabalhou na Inteligência da Marinha na II Guerra, foi eleito *fellow* da Academia Britânica em 1949, Secretário do *Colonial Social Research Council*, Secretário (1946-51), *Chairman* (1958-61) e presidente vitalício (desde 1975) da *Association of Social Anthropologists* (ASA), e *Knight* em 1973. Nestas condições, canalizou fundos para a antropologia com habilidade característica.

A sua preeminência não se deveu a qualidades iconoclastas, como no caso dos *enfants terribles* E.E. Evans-Pritchard ou E. Leach (de quem foi orientador). Pode-se dizer que foi, como estes, um mestre pensador, mas deles diferiu por uma personalidade marcada pela ausência de arrogância. A sua maior contribuição talvez tenha sido desconfiar das constantes modas teóricas como capazes de serem aplicadas a uma antropologia feita “*from the ground up*” (cf. E. Nagourney, *N.Y. Times*, March 14, 2002, ou o discurso de seu ex-aluno John Davis, *warden* do *All Souls College* de Oxford, no almoço que a ASA ofereceu pelo 100º aniversário de Firth). Esta “sofisticada simplicidade” traduz-se numa escrita que privilegia a clareza em relação ao jargão, como aliás era também o caso de EP.

Este último e Leach foram teóricos cuja influência, mais ou menos difusa, se fez sentir mais fortemente além do ambiente inglês. Firth, ao contrário, atuou principalmente neste último, como organizador de pesquisas, inspirador de alunos e de uma prática institucional que congregava perspectivas diferentes. E ainda que em menor grau relativamente aos seus maiores contemporâneos de Oxford e Cambridge, Firth também deixou a sua marca fora da Inglaterra. Por exemplo, no final dos anos 40 foi um dos quatro membros do *Academic Advisory Committee* fundador da *Australian National University* (ANU), lá também atuando como Presidente da *School of Pacific Studies*; foi *fellow* em Stanford (1958-59, quando elabora, com David Schneider, uma proposta, inovadora na época, para estudo comparativo do parentesco da classe média em Londres e Chicago) e recebeu inúmeros doutorados *honoris causa*. Logo após a sua aposentadoria, foi professor visitante no Havaí (1968), na Columbia Britânica (1969), em Cornell (1970) e em Chicago (1971).

Ainda em relação aos outros grandes mestres que representaram um elo entre os inícios da antropologia britânica e a nossa geração, o pensamento de Firth certamente é o que menos influência recebeu da escola francesa. Firth também nunca se aproximou do culturalismo americano ou mesmo daquele de seu mestre, Malinowski, a quem foi sempre fiel, mas sem nunca endossar a sua “teoria da cultura”. Talvez decorra desta dupla recusa – da cultura e da sociologia francesa – a menor repercussão da obra de Firth entre nós, brasileiros, em relação às obras de Evans-Pritchard ou Leach. Mas talvez não seja dos menores interesses que Firth nos suscite o de explicitar o pensamento anglo-saxônico, em afirmações, por exemplo, como a de que “o sacrifício é em última análise um ato em que o *self* é dado simbolicamente”.

Seria ingenuidade perigosa festejar este pensamento como introdutor de uma “teoria da ação em antropologia”, como faz o obituário do *Daily Telegraph*, mas também devemos ter cuidado antes de descartá-lo, apesar de estar prenhe de truísmos funcionalistas e individualismo metodológico (e isto tanto em Firth como em suas mais recentes manifestações pós-modernas). Afinal, o exemplo de Firth revela a potencialidade de um pensamento para realizar, desde os anos 1930, contribuições decisivas em campos aparentemente tão afastados como os da etnografia da economia e da arte. Talvez seja a qualidade da sua etnografia que o faça merecer o adjetivo de “maussiano” da parte de Lévi-Strauss, pois era capazes de posições anti-maussianas como supor que o fundamento da comparabilidade dos sistemas sociais seria a “distribuição de recursos escassos”. Talvez não nos devamos surpreender com que o mesmo homem que assume a razão prática funcionalista fosse capaz de finas descrições dos contextos sociais mais amplos.

Os longos obituários que recebeu nos quatro principais diários ingleses e no *New York Times* – coisa rara para um antropólogo, por mais eminente, no contexto anglo-saxônico – destacaram a atuação institucional de Firth. Mas é de interesse para nós brasileiros especificar o conteúdo desta atuação e como ela revela colaboração e solidariedade por trás da competitividade que, para alguns (como o C. Geertz de *Works & Lives*), caracterizaria a antropologia inglesa. Por exemplo, o projeto de Firth para a ANU era o de uma universidade dedicada exclusivamente à pesquisa, sendo extremamente bem sucedido como parte da reconstrução nacional australiana após a II Guerra. Em entrevista ao *Canberra Times* em março de 2001, Firth revela temor em

relação ao fato de que “a crescente pressão para ensinar mais e mais horas tornará mais difícil à próxima geração de antropólogos ter uma carreira tão satisfatória quanto a minha”.

Também é relevante para nós brasileiros notar que Firth era um neozelandês cujo foco de pesquisa era a (sua própria, em boa medida) realidade oceânica e aquilo que alguns de nós chamamos “a questão do contato”. A sua preocupação com a subsistência e a preservação da vida em Tikopia o levou a interferir junto ao governo inglês em momentos de crise material na ilha, assim como doar aos seus nativos a renda do dicionário Tikopia/Inglês que elaborou, fatos lembrados na mensagem de condolências que o Conselho dos Chefes Tikopias enviou à família Firth. O seu primeiro livro já relatava em 1929 a imoralidade da expropriação das terras maori, entre os quais tinha amigos.

Por tudo isto, Firth ampliou a antropologia, em vários sentidos: tirando-a da periferia na academia inglesa, atuando em programas na graduação, estimulando alunos da LSE a pesquisar os cinco continentes, sem distinguir nativos de camponeses, orientando alunos de ramos conexos, como sociólogos, atraindo para a LSE estudantes vários países e estimulando-os a pesquisar as suas realidades (é notável que alguns destes antropólogos nativos se tenham encaminhado para a política, como Jomo Kenyatta e Fei Hsiao-t'ung).

No seu obituário do *The Guardian*, M. Bloch, herdeiro da cátedra da LSE que foi de Malinowski e Firth, lembra-se deste como “*helpful, delighted and involved*” [prestativo, cheio de boa vontade e empenhado] em relação aos colegas e alunos, sempre interessado na antropologia dos seus sucessores, independentemente de quão diferente ela fosse da sua própria. Bloch também elogia a atenção da antropologia de Firth à significância da personalidade e escolha individuais nos diversos contextos sociais. Discordo de Bloch quanto a esta atenção ser devida mais aos contatos pessoais com os maori na juventude de Firth do que a uma influência da economia². Discordo ainda que esta atenção ao indivíduo implique crítica do funcionalismo, quando ao meu ver ela o fundamenta. O que a minha modesta homenagem tentou aqui fazer foi relacionar os dois temas salientados por Bloch, as qualidades pessoais de Firth e a sua habilidade para entender a marca individual em um dado contexto social. Noutras palavras, usei ensinamentos de Firth para explicitar a sua própria importância, indicar como a sua dignidade individual marcou toda a antropologia.

Notas

¹ Segundo o obituário do *The Times*, em seu último artigo Firth se mostra empenhado no debate sobre o estatuto da nossa disciplina, vista por ele não como ciência objetiva nem mera projeção da figura do antropólogo mas sim como criação original produzida pela interação entre indivíduos de diferentes culturas.

² Influência fortíssima, como atesta o obituário de M. Strathern a Firth no *Independent*, elogiando-o por não se limitar a tomar a economia como um aspecto de vida social mas sim como uma disciplina. Strathern elogia ainda Firth por se perguntar "o que pode ser aprendido dos princípios da teoria econômica ocidental sobre as atividades dos Maori ou Tikopia"; entretanto, a meu ver, o fundamental é pôr a questão inversa, indagando o que as últimas nos ensinam sobre a primeira.